

EDUCAÇÃO E VOCAÇÃO: UMA MISSÃO A SER PARTILHADA

Renata Trivelato Felício Cenedesi

Mestre em Supervisão Pedagógica pela Universidade Aberta de Portugal. Especialista em Neurociência da Educação pela Faculdade Metropolitana. Especialista em Gestão de Pessoas nas Organizações e MBA Executivo em Desenvolvimento de Pessoas pelo Centro Universitário Barão de Mauá. Pedagoga e Psicopedagoga pelo Centro Universitário Barão de Mauá. renatatri@hotmail.com

Denise Afonso Sabino Santos

Mestranda em Supervisão Pedagógica pela Universidade Aberta de Portugal. Especialista em Gestão de Centro Educativos pela Université Gaston Berger - Saint Louis no Senegal e certificada em Competências Digitais para Educadores pela Universidade de Jyväskylä - Finlândia. Licenciada em Ciências da Educação pela Université Catholique de Bourgogne, Dijon, França.

EDUCAÇÃO E VOCAÇÃO: UMA MISSÃO A SER PARTILHADA

Resumo

Neste artigo pretendemos flexionar sobre a educação e vocação estabelecendo um diálogo desta relação com o que identificamos ser também uma prática missionária evidenciada no preparo, capacitação, chamado e apropriação do conhecimento, para o desenvolvimento de indivíduos plenos e propagação do evangelho. Esta reflexão incidirá na perspectiva de, assim como Cristo, nós, Sua Igreja, efetivarmos propostas e alternativas para uma dinâmica pedagógica de formação de vocacionados no campo da sociedade atual e suas demandas, como também para os campos.

Palavras-Chave: Educação. Vocação. Formação. Educador. Igreja.

Abstract

In this article we intend to reflect on education and vocation, establishing a dialogue of this relationship with what we also identify as a missionary practice evidenced in the preparation, training, calling and appropriation of knowledge, for the development of full individuals and the propagation of the gospel. This reflection will focus on the perspective of, like Christ, we, His Church, put into effect proposals and alternatives for a pedagogical dynamic of formation of vocations in the field of the current society and its demands, as well as for the fields.

Keywords: Education. Vocation. Formation. Educator. Church.

Introdução

Que a educação é direito de todos, que visa o pleno desenvolvimento do indivíduo e que se dá em um processo de parceria entre família, Estado e sociedade, nós já sabemos e podemos constatar conforme regulamentado na Constituição Federal Brasileira de 1988[1]. Ainda poderíamos acessar um arsenal de Leis, Planos e Diretrizes que balizam esse desafiador exercício que é a educação.

Entretanto, para (Brandão, 1985 *apud* Cenedesi, 2020) o termo Educação abarca uma ampla definição considerando que os processos educacionais e de formação acontecem em diversos espaços além da escola, outras redes e estruturas sociais de transferência do saber, sem que haja necessariamente um modelo formal de ensino.

Por vezes, taxiamos na amplitude deste tema que denota um sentido equivocado para com a formação profissional do educador e sua práxis: Toda a ação de um homem sobre outro, tendo como resultado a modificação deste, é educação? Todas as relações sociais alteram algo nos indivíduos? Substituir a noção de alteração pela de contribuição positiva seria o bastante para considerar como sendo um ato educativo? Quais seriam as delimitações entre uma alteração neutra e uma contribuição positiva?

E é exatamente aqui, neste ponto, que nos posicionamos a cabeceira da pista querendo atrair sua atenção para o tema educação e vocação, pois concordando com o que a educadora francesa Viviane Isambert-Jamati proferiu em seu livro - Educação e Sociedade (1965), somos chamados a realizar grandes voos, e se o que o leva a realizar o que faz é a necessidade de reconhecimento, de aceitação, de ser querido, talvez precise ajustar o foco para que não passe a vida toda agindo em falso.

[1] Constituição Federal, Capítulo III, Seção I, Artigos 205 - 214.

Segundo (Carneiro, 2001 *apud* Cenedesi, 2020), no fazer-se educador requer-se ir ao encontro do outro de forma humilde e acolhedora, é gratuitamente dar-se a outros, consciente da responsabilidade e compromisso que irá significar contribuir para agregar no desenvolvimento pleno de outrem. Decolamos então em nossa REflexão - (no sentido de pensarmos outra vez, e com olhos frescos) - clarificando um pouco sobre o educar e o educador. Na esteira de Almeida (2001), poderíamos iniciar a partir do entendimento de que todo o ser humano é um educador? Ou, que em todo o contexto social haveria um movimento educativo?

A Educação e o Educador

Considerando apenas a vertente cognitiva, bastar-nos-ia aceitar que a educação se dá mediante uma ação de emissão, exercida por uma pessoa que dominando saberes mais que outra se colocaria no papel de emitir conhecimento a outras pessoas. Entretanto, pretendemos aqui flexionar saberes, ampliar o campo e por isso nos ateremos ao sentido francês do termo educar que significa transmitir caracteres sociais, compreendendo, simultaneamente, a formação dos comportamentos consoante às normas sociais e a formação das capacidades e da linguagem, sob a forma das noções e das operações lógicas, aquisição do conteúdo dos conhecimentos já possuídos na sociedade.

Tendo este entendimento em voga, passamos então a considerar aqui a função de operacionalidade da educação, um processo, onde além da emissão do conhecimento, existe consideração quanto à recepção deste conhecimento (quem é, quando e como o indivíduo pode melhor receber o conhecimento que lhe é compartilhado) e a geração de novos conhecimentos (como o indivíduo interage em seu cotidiano com o conhecimento adquirido, como o perpetua e o retransmite) ao termo de os indivíduos serem considerados aptos, plenos em seu desenvolvimento, assegurando continuidade e coesão à própria sociedade.

Como citado por Cenedesi (2020), a sociedade contemporânea não coaduna com uma educação meramente transmissora e evidencia a necessidade de uma mudança clara de paradigma, baseando-se em uma prática que vislumbre o indivíduo como personagem principal e não apenas figurante.

Corroboram (Coelho e Neves, 2010 *apud* Cenedesi, 2020) que o papel da educação deve ser o de reforçar o acesso formal e informal a uma vasta base de conhecimentos, aptidões e competências que promovam atitudes de valor e caráter para toda uma vida. A partir deste dimensionamento, quem seriam os agentes deste processo? Quem são os educadores profissionais para além das questões que apequenam e furtam o caráter antropológico da educação, como “grades” curriculares, formas de disciplina e avaliação de alunos, luta sindicais, questões salariais?

Educador, segundo a L.D.B., é o trabalhador em educação habilitado em cursos reconhecidos pelo Ministério da Educação e Cultura, com sólida formação básica em conteúdo técnico-pedagógico, ou ainda, “profissionais com notório saber reconhecido pelos respectivos sistemas de ensino, para ministrar conteúdos de áreas afins de sua formação ou experiência profissional, (...)”- Art.61 inciso IV da Lei de Diretrizes e Bases.

Ainda para Almeida (2001), o educador se especializa na prática de fruir com nitidez e continuidade em um contexto de negociações, visão de conjunto, sentido de ética, desenvolvimento de senso estético, dimensão política, sociológica, econômica, capacidade de argumentação, sabedoria de pesquisar, continuamente saber negar o óbvio, ser criativo, ter múltiplas saídas para os mesmos problemas e ter capacidade em detectar filosoficamente problemas no decorrer do processo educativo dando a eles um tratamento a partir do ponto de vista das múltiplas ciências.

[2] Lei 9.394/96 – **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**, Título VI.

Entretanto, com um currículo e tempo de formação aligeirados, os cursos universitários de formação de educadores profissionais, pautados em um modelo academicista, já dão sinais de saturamento em consequência de horas de discursos em sala de aula, que segundo (D'Avila, 2013 *apud* Cenedesi, 2020) transmitem uma mensagem distante da realidade cotidiana destes futuros profissionais educadores.

Atualmente, de acordo com Masetto (2015), o conhecimento necessário aos profissionais da educação exige uma multiplicidade aliando ciências exatas e humanas, voltando-se para a compreensão do mundo, da evolução e dos fenômenos de uma sociedade, na qual o homem pode pensar e realizar seu desenvolvimento com uma perspectiva de totalidade em aspectos educacionais, políticos, éticos, econômicos, culturais, de direitos e individualidades, de responsabilidades sociais, de cidadania, para além do espaço escolar e acadêmico, e presente durante toda a sua existência. A formação do educador não é apenas uma questão de didática ou de psicologia do desenvolvimento, envolve também uma questão de perspectiva, desenvolvimento pessoal e interpessoal, trocas e transformações que favoreçam oportunidades para conexões pessoais e competência para transformar; fazemos então aqui uma incisão, e inserimos a este contexto de formação do educador uma vocação. E o que seria essa vocação?

A prática Educacional Por Vocação

O termo vocação, vem do latim “*vocatio*” e significa chamado, convocação ou convite, tendo a palavra “*vocatio*” derivado do verbo “*vocare*” que significa “chamar”. Segundo o dicionário da Língua Portuguesa[3], a inclinação natural, tendência ou habilidade que leva o indivíduo a exercer uma determinada carreira ou profissão, e que gera o desejo ou interesse por uma certa área de atuação é reconhecida como uma vocação. Escolher ou entender qual é a sua vocação não é tarefa fácil, sobretudo porque a vida profissional é parte primordial da existência de um indivíduo.

[3] AULETE, Caldas. **Dicionário contemporâneo da Língua Portuguesa**. 3. ed. Rio de Janeiro: Delta, 1980. v. 5.

Embora a liberdade para a escolha de sua ocupação vem sendo crescentemente atribuída ao indivíduo somente depois do advento da democracia na sociedade industrial e de maneira relativa (Super & Junior, 1980). Em seu livro - Qual é a Tua Obra? - o filósofo, escritor e doutor em educação Mario Sergio Cortella escreve que “temos carência profunda e necessidade urgente de a vida ser muito mais a realização de uma obra do que um fardo que se carrega no dia a dia”[4]; a partir desta citação o autor nos acerca a respeito da ideia de substituímos trabalho por obra, apresentando-nos o termo grego *poiesis*, que significa minha obra. No cenário de formação do educador, *poiesis* seria conjugado pelo que (Baptista, 2005 *apud* Cenedesi, 2020) cita como sendo a prática educativa uma relação de doação e disponibilidade para responder-se a um outro, diante do qual, não se pode ficar indiferente; ou ainda o que (Vygotsky, 1984 *apud* Cenedesi, 2020) diria ser o homem transformando o meio e consequentemente a si mesmo.

A turbulência que se apresenta neste ponto segundo Moran, é que, “intimamente, muitos não se gostam de verdade, não se aceitam plenamente como são, duvidam do seu valor, tentam justificar seus problemas, procuram formas de compensação, de aprovação”. [5] Cortella salienta que todas as vezes que uma pessoa exerce um trabalho no qual não se reconhece, seu trabalho torna-se estranho, a pessoa se aliena, “e esse é um dos traumas mais fortes que se tem atualmente.” [6] A vocação também se estende para outras áreas da vida do ser humano, como a vocação para a religião que é definida como um chamado divino para a dedicação ao serviço religioso através do serviço ao próximo. O termo religioso ou vocacionado religioso pode ser empregado para designar o cristão que se dedica ao serviço da comunidade como forma de dedicação a Deus. Darrow Miller afirma que “nosso chamado é, antes de tudo, à salvação, mas que cada crente recebe também seu chamado à vocação que contribuirá de maneira específica para o avanço do Reino de Deus.” [7]

[4] CORTELLA, M. S. **Qual é a tua obra? Inquietações propositivas sobre a Gestão, Liderança e Ética**. 21th ed. São Paulo: Vozes; 2007. p.21.

[5] MORAN, J. M. **A educação que desejamos: novos desafios e como chegar lá**. 2. ed. Campinas, SP: Papirus, 2007. p.76.

[6] CORTELLA, M. S. *op. cit.*, p.21.

[7] MILLER, D. **Vocação - Escreva sua Assinatura no Universo**. Curitiba: Instituto de Publicações Transforma e DNA Brasil, 2012. p.153.

O autor destaca a respeito de uma fusão entre área de atuação profissional e testemunho do evangelho acontecendo, simultaneamente, à medida que venhamos viver a vocação no campo profissional como nossa obra de testemunho a tempo e fora de tempo.

De acordo com César (2002 p.18), Martinho Lutero acreditava na vocação universal, proferindo que “Todo crente tem uma vocação na vida porque tem uma posição e, nesta posição, ele encontra sempre oportunidade de servir”. Ainda de acordo com o autor,

“O povo de Deus não tem que ficar esperando um chamado extra especial, uma sarça que arde sem se consumir. Pela sua própria natureza, a igreja já é um povo chamado, separado, eleito e designado para proclamar as boas novas”. [8]

A Participação da igreja no contexto educacional e de desenvolvimento da vocação

Faremos uma escala em nosso voo para considerarmos o que Malik (1982, *apud* Goheen & Bartholomew, 2016) ressalta sobre o fato que todos os líderes mundiais e de todas as esferas das sociedades ao redor do mundo foram preparados pela educação que receberam, para reafirmar que não existiriam lideranças competentes sem uma educação eficiente.

Desde a primeira escola até a universidade, as bases e estruturas são montadas para a formação dos governantes e das pessoas que exercerão grande influência em todos os setores. Os profissionais das mais diversas áreas e esferas de atuação, incluindo as lideranças das igrejas, têm em comum uma longa caminhada de aprendizagem e a passagem pela universidade. Essa é uma fase de grande relevância para a formação profissional e para capacitar o cristão para exercer sua vocação na área de sua especialidade.

Miller (2012) nos convida a olhar para a história do ensino superior e constatar a avalorosa participação dos cristãos desde a idade média, quando da fundação das primeiras universidades.

[8] CÉSAR, K. M. L. **Vocação: Prespectivas Bíblicas e Teológicas**. Viçosa: Ultimato, 2ª ed. 2002. p.18.

A Universidade de Bolonha na Itália foi a primeira a surgir dentro da concepção moderna de instituição de ensino superior e de onde nasceu o termo Universidade. Em seguida, surgiram as universidades da Espanha, Escócia, Suécia, Polônia, a Universidade de Paris e Oxford na Inglaterra, Alemanha, Portugal e Áustria. Outras renomadas universidades, também fundadas por cristãos, permanecem com grande reputação até os dias presentes, como é o caso de Harvard, Yale e Princeton que são parte das mais de cem universidades cristãs que estavam entre as primeiras a serem fundadas nos Estados Unidos de acordo com o mesmo autor.

O compromisso com a educação superior e a atuação no ensino, na pesquisa e extensão marcam a história do cristianismo, influenciando as sociedades ao longo dos séculos. Por causa disso, é tão importante que os acadêmicos cristãos continuem se posicionando e exercendo influência através de sua produção. Infelizmente, segundo já anunciava Marsden (1998) muitos acadêmicos cristãos têm optado por omitirem suas crenças em suas pesquisas e produções, em um esforço de adaptação à cosmovisão humanista na busca pela boa aceitação da academia. De certa forma, esse posicionamento acaba por criar um abismo dividindo a vocação acadêmica da cristã. Goheen e Bartholomeu (2016) chamam a atenção das instituições acadêmicas cristãs a considerarem a influência da tradição acadêmica ocidental, originária da antiga Grécia, quanto da tradição cristã no ensino superior iniciada pelos pais da igreja.

Diante disso, cabe a estas instituições garantirem que não viverão fechadas em si mesmas, mas buscarão exercer influência relevante na academia. Essa abertura, contribuirá para fortalecer a vocação dos acadêmicos cristãos que só será evidenciada através de uma contribuição crítica e relevante, demonstrando desenvoltura ao trilhar pela tradição ocidental sem perder de vista sua função de sal da terra. Essa participação crítica na cultura e educação, deve estar fundamentada na cosmovisão cristã, imprimindo os valores do evangelho em todas as etapas do sistema educativo, através dos serviços que se busca oferecer.

A educação desenvolvida pelas escolas confessionais oferece uma reflexão do evangelho capaz de inspirar uma visão de mundo alinhada com a perspectiva bíblica. Isto é possível graças à construção e implementação de currículos fundamentados nos valores cristãos, abordagens de ensino e aprendizagem pautadas por princípios bíblicos.

No entanto, Hull (2003) chamou a atenção para o fato de que muitas escolas cristãs ou confessionais se equivocam, pensando estarem oferecendo educação cristã, estão apenas educando cristãos. Mesmo cheias de boa vontade e boas intenções podem sucumbir ao modelo humanista por consentirem em muitos aspectos como meio de se adequar aos padrões do ensino público. O equívoco está em acreditar que apenas trabalhando questões ligadas a integridade, valores morais e vida devocional estaremos oferecendo uma educação genuinamente cristã.

Postman (1996) afirma que “sem objetivo, o aprendizado não tem nenhum propósito. Sem um propósito, as escolas são casas de detenção, não de atenção”.^[9] O que nos leva a questionar qual o propósito da educação numa perspectiva cristã e qual a função das instituições confessionais. Se a escola serve à sociedade, de que forma a educação cristã a deve impactar? Qual a vocação das instituições cristãs neste século XXI? Como elas devem contribuir para a formação dos vocacionados a fim de que eles testemunhem acerca do evangelho em suas interações nas diferentes esferas da sociedade?

As instituições educacionais cristãs não devem se conformar em apenas atender aos padrões de excelência da educação secular, mas reconhecer que seu principal papel é testemunhar, influenciando o sistema educativo por meio do evangelho, enquanto prepara seus alunos para fazerem o mesmo na sociedade. Esse testemunho educacional é o que deve segundo Darrow Miller (2012) pautar as decisões curriculares, de pedagogia e liderança. Para o autor,

[9] POSTMAN, N. **The end of Education, Redefining the Value of School**. New York: Vintage Books, a Division of Random House, inc.1996. p.7.

"Uma visão bíblico-cristã da educação busca instruir, crianças, jovens e adultos para extrair da criação o bom potencial e os recursos que Deus nos ordenou que cuidássemos. À medida que buscamos "trazer para fora" as crianças e os alunos para obedecerem às leis e à verdade de Deus, então estaremos educando crianças que estarão quando adultas, prontas para resgatar, renovar e transformar aspectos de suas sociedades. Essa é a grande contribuição que os educadores cristãos podem fazer para suas escolas e sociedades. Ocupar territórios na educação para o reino sempre foi um dos principais objetivos do cristianismo em toda a história." [10]

Jesus, O Grande Educador Vocacionado

Ser educador por vocação é conseguir ter uma causa tamanha pela qual vidas possam ser transformadas e influenciadas, pois como apresentado por Brandão (2007):

"A educação, tratando-se de uma prática antropológica, exige que o educador seja um técnico de relação. Ir ao encontro do outro sem esperar nada em troca, mas com a missão de acolher a alteridade como uma riqueza única, irrepetível e misteriosa, é a principal missão de quem, na sua profissionalidade e com o seu saber, é chamado a ajudar a crescer, a caminhar, a propor caminhos e projetos de vida". [11]

Influenciar a sociedade através da educação, através de sua atuação e seu modelo de ensino foi uma missão iniciada por Jesus e transferida a seus seguidores, seus discípulos que com ele andaram, e a nós, seus discípulos nos dias atuais. Quando educamos, mediamos a aprendizagem sobre o mundo, o mesmo acontece quando somos educados, aprendemos como devemos agir na sociedade, na porção onde podemos intervir e interagir no mundo.

[10] MILLER, D. **Vocação - Escreva sua Assinatura no Universo**. Curitiba: Instituto de Publicações Transforma e DNA Brasil, 2012. p.257.

[11] BRANDÃO, P. S. da S. **A Pedagogia Social, uma antropologia da proximidade, hospitalidade e serviço**. Cadernos de Pedagogia Social. Universidade Católica Portuguesa, 2007. p.110.

Quando Jesus começou seu ministério de ensino neste mundo, ele foi encontrando e chamando seus aprendizes, seus discípulos, e empregando as metodologias, que nos dias atuais ainda são consideradas modernas, para ensinar tudo que seus seguidores deveriam saber sobre seu reino e as estratégias que deveriam empregar para implantá-lo. Ele costumava andar com as pessoas, usar exemplos do cotidiano, envolvê-las nas resoluções dos problemas, características que colocam Jesus na posição de grande educador, que empregando metodologias que hoje se consagram como sendo ativas, colocava seus aprendentes no centro de sua aprendizagens e os ensinava enquanto caminhava com eles.

Ao contrário dos fariseus, recusava-se a estar no centro das grandes assembleias, mas preferia estar ao lado de seus discípulos, ensinando-os de maneira prática, envolvendo-os nas tomadas de decisões, educando pelo exemplo e acima de tudo considerando os conhecimentos e experiências prévias de seus aprendentes. Quando ele chamou os pescadores para iniciarem uma caminhada de aprendizagem ao seu lado, ele os prometeu fazer pescadores homens (Mateus 4:19; Marcos 1:17). Ele estava valorizando suas experiências vividas até ali e escolheu ilustrar a missão para a qual os chamava dentro de uma perspectiva conhecida, contextualizada e compreensível. Para uma comunidade que vivia a beira do mar, ele ensinava no seu próprio contexto e usava a atual e consagrada técnica de *storytelling*, esta arte que segundo Peterson e Boris (2017) tem o poder de engajar, influenciar, ensinar e inspirar os ouvintes e que há muito tempo era conhecida como Parábola. Marcos (4:1-2) nos mostra uma destas ocasiões:

“Jesus começou a ensinar outra vez à beira-mar. E uma numerosa multidão se reuniu em volta dele, de modo que entrou num barco, onde se assentou, afastando-se da praia. E todo o povo estava à beira-mar, na praia. Assim, ensinava-lhes muitas coisas por parábolas e, durante o seu ensino, dizia...”[12]

[12] DE ALMEIDA, João Ferreira, trad., **Nova Almeida Atualizada**, Edição Revista e Atualizada®, 3a edição (Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2017), p. Mc 4.1-2.

Pensando na aprendizagem, se o termo pedagogo foi originado no ato de guiar o aluno pelo caminho para a aprendizagem, Jesus, o maior educador de todos os tempos, é o próprio caminho. Ele mesmo, se apresenta como o caminho, a verdade e a vida (João 4:16). Conhecendo a Verdade o discípulo será liberto (João 8:32), Cristo é essa verdade. O conhecimento, liberta o discípulo para o pleno exercício de sua vocação. Conhecer a verdade sobre o reino de Deus, e sua missão de embaixador deste reino na terra, confere ao discípulo, atuando em qualquer esfera da sociedade, a capacidade e liberdade para testemunhar plenamente sobre o reino de Jesus.

Para Jung Mo Sung, co-autor do livro “Todos somos Vocacionados”(2019) os filhos de Deus enfrentam um grande desafio de viver na liberdade do Reino de Deus, pois são diariamente pressionados a se conformar com o modelo e valores do mundo, desafio que se observa até mesmo dentro das igrejas.

Depois de terem caminhado lado a lado com Jesus, aprendendo com suas histórias, e pela observação de seus exemplos, participando ativamente do seu grande projeto pedagógico, os discípulos foram enviados a continuar a missão. Em Mateus (28:19-20) vemos Jesus instruir aqueles com quem caminhou e que aprenderam de perto com ele, que agora, deveriam ir e fazer o mesmo. Jesus chamou a atenção para a maneira que deveriam proceder com os novos discípulos, “ensinando-os a guardar todas as coisas” assim como haviam aprendido com ele.

Essa metodologia de Jesus leva-nos a refletir na nossa grande missão e vocação, que é continuar despertando outros vocacionados e conduzi-los para a salvação em Cristo Jesus. Além disso, sendo também vocacionados para a educação, atuando em diversas áreas da formação profissional, nos cabe ainda a missão de contribuir para desenvolvimento de outros discípulos a fim que estes também exerçam a vocação profissional numa perspectiva bíblica de chamado e de serviço, onde os valores do Reino venham a ser conhecidos e vivenciados.

Considerações Finais

Para entendermos a responsabilidade da educação para a formação de cristãos vocacionados para a salvação e para a expansão do reino de Deus, é preciso, primeiramente, responder a pergunta: Por que educar?

Sabemos que as instituições de educação trabalham em cooperação para formar cidadãos que atendam certas demandas, esculpindo o perfil do cidadão que a sociedade almeja. Nos nossos dias, fala-se muito da educação do Século XXI, para preparar o aluno dentro de um processo educativo a fim que ele adquira competências que o possibilitem enquanto cidadão, para atuar nessa sociedade tão exigente.

Podemos dizer que a educação é a argamassa para a construção da sociedade, uma vez que é responsável por mediar em todas as suas etapas a formação do cidadão, sem ignorar sua capacidade de reflexão e crítica. É preciso admitir que a educação acontece com objetivos e fins determinados de aprendizagem, mas que ela também acontece para transmitir e inculcar princípios e valores, pois à medida que a sociedade evolui os padrões de educação evoluem com ela e suas demandas.

Vamos aqui, então, nos prepararmos para uma aterrissagem, recolher nossas bagagens, desfazê-las e refazê-las outras tantas vezes necessárias para que possamos sair de um lugar e chegarmos a um outro, numa reflexão contínua sobre a nossa *poiesis* enquanto educadores.

Nossa identidade vocacional vai sendo solidificada ao longo de nossa caminhada, definindo a postura que assumimos em relação ao outro e assumimos a responsabilidade sobre o que fazemos com a vocação que nos foi conferida.

A nossa vocação a serviço de Deus na educação demanda que antes de começarmos a mudar o mundo alinhemos a visão que temos dele à cosmovisão cristã, a fim de cumprirmos nossa missão com a certeza declarada em Provérbios 16:4, de que “O Senhor fez todas as coisas para determinados fins” e instituiu a nós, seus discípulos neste mundo, neste tempo, nesta sociedade, neste lugar em que estamos para mudar o enfoque fundamental das práticas educacionais, para vivenciar práticas mais ricas, abertas e significativas de comunicação pedagógica inovadora, profunda e criativa que estejam acima de tudo alinhadas aos valores do Reino.

Referências

ALMEIDA, F. J. **O Educador: Magnanimidades e Ambiguidades**. 2001. Recuperado de: <https://www.scielo.br/j/spp/a/LJSPdKxGMKnsDxSYMRWwQmg/?format=pdf&lang=pt>

AULETE, Caldas. **Dicionário contemporâneo da Língua Portuguesa**. 3. ed. Rio de Janeiro: Delta, 1980. v. 5.

BRANDÃO, P. S. da S. **A Pedagogia Social, uma antropologia da proximidade, hospitalidade e serviço**. Cadernos de Pedagogia Social. Universidade Católica Portuguesa, 2007. Recuperado de <http://www.fep.porto.ucp.pt/sites/default/files/files/FEP/CadernosPedagogiaSocial/CPSocial01.pdf#page=107>

CENEDESI, R. T. F. **Proposta educativa de aprendizagem-serviço como atividade acadêmica de extensão no Curso Superior de Graduação em Pedagogia da Faculdade de Ribeirão Preto - SP**, Brasil. Brasil, 2020. Recuperado de: <http://hdl.handle.net/10400.2/10798>

CÉSAR, K. M. L. **Vocação: Perspectivas Bíblicas e Teológicas**. Viçosa: Ultimato, 2ª ed. 2002.

CORTELLA, M. S. **Qual é a tua obra? Inquietações propositivas sobre a Gestão, Liderança e Ética**. 21th ed. São Paulo: Vozes; 2007.

DE ALMEIDA, João Ferreira, trad., **Nova Almeida Atualizada**, Edição Revista e Atualizada®, 3a edição. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2017.

GOHEEN, M. W. & BARTHOLOMEW, C.G. **Introdução à cosmovisão cristã -Vivendo na intersecção entre a visão bíblica e a contemporânea**. São Paulo: Vida Nova, 2016. Recuperado de: <https://doi.org/10.1177/073989130800500114>

HULL, J. E. **Aiming for Christian education, settling for Christians educating: the Christian's school's replication of the public school paradigm**, Christian Scholar's Review 32, n.2, p. 203-223, 2003.

JAMATI, V. I. **Educação e Sociedade**. Recuperado de:
<http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1224164140I8jYT5vr0Zz29IH8.pdf>

MARSDEN, G. M. **The outrageous idea of a Christian scolarchip**. New York : Oxford University Press, 1998

MASETTO, M. T. **Competência pedagógica do professor universitário**. São Paulo: Summus, 2015.

MILLER, D. **Vocação - Escreva sua Assinatura no Universo**. Curitiba: Instituto de Publicações Transforma e DNA Brasil, 2012.

MORAN, J. M. **A educação que desejamos: novos desafios e como chegar lá**. 2. ed. Campinas, SP: Papirus, 2007.

PETERSON, L. e BORIS, V. **The Science Behind The Art Of Storytelling**, Harvard Business Publishing Corporate Learning, 2017. Recuperado de: <https://www.harvardbusiness.org/the-science-behind-the-art-of-storytelling/>

POSTMAN, N. **The end of Education, Redefining the Value of School**. New York: Vintage Books, a Division of Random House, inc. 1996

RATCLIFF, D. **Book Review: The Bible and the task of teaching**. Christian Education Journal, 5(1), 190-195, 2008.

SENADO FEDERAL. **Constituição da República Federativa do Brasil**: Artigo 205. 1988.

Recuperado de:

https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/518231/CF88_Livro_EC91_2016.pdf

-- **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**: Título VI. Artigo 61, Inciso IV. 1996.

Recuperado de: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm

SUNG. J. M. **Vocação como diálogo e a liberdade cristã**. In: Nascimento, Analzira at Al . Todos Somos Vocacionados . Viçosa: Ultimato,2019. E-book.

Texto recebido em 31.05.2022 e aprovado em 27.06.2022